

QUEER: A HISTORICIDADE DA PALAVRA EM ... DO MOVIMENTO ...ANTES DA TEORIA.

Rafael Garcia¹

Resumo:

A partir de uma abordagem descolonial, o artigo pretende apontar uma anti-origem translocal e transcultural da palavra, do movimento ativista e da teoria Queer. O texto traça torções, citações, iterações, as personagens e reviravoltas deste conceito, que contêm e carrega consigo um projeto ético, estético e político que empreende a destituição dos regimes de poder e de normalidade que fundamentaram as sociedades e as identidades ao longo de toda modernidade e na contemporaneidade.

Palavras-chave: Etimologia. Decolonial. Historicidade. Personagens. Queer

Introdução: A historicidade de uma palavra em questão

Algumas questões iniciais ligadas a palavra “queer” inquietaram pesquisadores brasileiros, da mesma forma que provocaram estudiosos, artistas e esferas do ativismo político, relacionado as causas de gênero e sexualidade em países como Portugal, Espanha, México, Chile, Argentina, Equador, Colômbia, Panamá.

A primeira delas, estaria ligada a necessidade de traduzirmos a palavra queer para uma outra palavra de sentido equivalente, quando esta fosse utilizada em outros idiomas e contextos não anglófonos, ou seja, em países e culturas que não falam a língua inglesa. Pretendendo, com isso, transpor também a radicalidade transgressiva enfatizada através deste conceito/ “artefato retórico” de “guerrilha linguística”, que contêm e carrega consigo, múltiplas personagens, marcas, lutas, afirmações, despropriações e sentidos.

Uma segunda questão, ligada a necessidade ou não de tradução, ou até mesmo a completa rejeição deste termo, estaria ligada ao fato de que a palavra queer, este termo absolutamente “americanizado”, utilizado para xingar Bixa! Sapatão!, “Gay!”, Viado! na linguagem coloquial inglesa, não serviria para classificar as dissidências sexuais do *Sul do Global*.

¹ Artista do Corpo, Performer, Ativista das causas LGBTQ+. 1ma Tupinicuir. Doutorando na Pós-graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal de Bahia (IHAC/UFBA), na linha de pesquisa Arte e Cultura. Integrante do NUCUS. Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades. Orientando do Dramaturgo, Diretor, Professor Dr. Djalma Thürler. E-mail: rafaogarcia@hotmail.com

Esta palavra sequer seria reconhecida ou compreensível nas ruas, nos guetos, nos espaços que frequentam suas Maríças, Fanchas, Marimachas, Transloucas, Travestis e Sapatões e tantos outros pervertidos. O termo não abarcaria o conhecimento construído a partir de diferentes matrizes, que não as eurocêtricas e provenientes do Norte Global. E, neste sentido, o conceito serviria as novas e velhas formas de colonização epistêmica, funcionando como aparato discursivo verbal a serviço do neocolonialismo, que segue estratégico, determinado e constate na busca de recolonizar os nossos corpos e comportamentos, afetos, identidades, atos sexuais e discursivos.

Por esse motivo, seria de extrema importância buscarmos compreender os arquivos contidos, reprimidos e escondidos desta palavra carregada de historicidade, de reviravoltas simbólicas em seus sentidos, pretendendo revelar no *entre* deste *estranho* signo, em meio a seus espaços, acontecimentos, e junto a suas múltiplas personas de corpos, lutas e sentidos subversivos: Um conceito que contém e que carrega consigo, um projeto ético, estético e político que empreende a destituição dos regimes de poder e de normalidade que fundamentaram as sociedades e as identidades ao longo de toda modernidade. Porém, este percurso aqui pretendido, de escavar nas raízes etimológicas deste conceito algumas possibilidades genealógicas deste termo subversivo, empreenderá também como motivo, uma mirada translocal e transcultural, que visa apontar uma anti-origem decolonial deste conceito torcido, enfatizando sua força reivindicatória que foi transvalorada nos contextos do Sul Global, através de relações interseccionais, que transaram torções, tensões, ressignificações de seu sentido.

Meu intuito com isso, é o de demonstrar que quando utilizamos a palavra queer em um contexto não anglo falante não estamos apenas repetindo, traduzindo ou nos apropriando deste conceito guarda-chuva do sexo oprimido. Isso porque, parto da compreensão de que esse termo habita, desde a sua origem, um entrelugar híbrido, que é perene e que continua transitar, em outros mundos ainda por significar, e está incessantemente a se transformar, na mesma medida em que é novamente citado, repensado e outramente reproduzido. Ainda que, sempre na intenção estratégica de desestabilizar as fronteiras de gênero e sexuais, mas, também, de apontar questões interseccionais raciais, culturais, presentes nas relações sociais entre a *hegemonia* opressora e o *precarizado oprimido*.

Neste sentido, o que pretendo neste texto é traçar algumas correlações de reflexões desenvolvidas por autoras e pesquisadores, latinos, chicanos, brasileiros, ligados ao feminismo decolonial e a crítica “queer of colours”, almejando demonstrar a história intercultural, ou melhor, transcultural do termo queer, que desde seu surgimento apontou certa anti-origem translocal e transcultural, que denota certos entrelugares inabitáveis e a precariedade de condições, das posições e condutas sexuais, de certos sujeitos mestiços, racializados, pervertidos, que, por sua condições imorais, deveriam ser vigiados, interpelados, abjetificados e punidos.

Etimologia do PALAVRÃO: da palavra do Abjeto ao Objetivo Político de Afirmação

De acordo com Teresa de Laurentis², pesquisadora feminista, expoente dos estudos lésbicos, apontada, segundo algumas versões, como criadora da expressão “teorias Queer” nos estudos acadêmicos, e italiana radicada nos Estados Unidos:

A palavra queer possui uma longa história, esta existiria na língua inglesa a mais de quatro séculos, e durante todo esse tempo, a palavra sempre carregou consigo denotações e conotações negativas, como: “estranho, esquisito, excêntrico, de caráter dúbio ou vulgar” (2019, p. 397).

Segundo a filósofa, pesquisadora e teórica transfeminista Sayak Valencia³, o termo haveria surgido no início do século XV, tendo como uma de suas origens os países germânicos. Deste modo, suas derivações procederiam do “baixo alemão”, que tem sua origem no “dialeto brunswick”, que, por sua vez se origina no alemão culto antigo, o “alto alemão”. A palavra tem como raiz o termo *twerh*, que vem da raiz de linguagem protoindo-europeia e significa: dar a volta, torcer, girar. Deste modo, o termo era utilizado inicialmente para referir-se a algo torcido, descentrado, perverso, estranho. (VALENCIA, 2015, p. 19.)

² De Laurentis é professora de semiótica e teoria do cinema, lésbica e feminista, com um doutorado orientado por Umberto Eco. Atua como professora e pesquisadora nos Estados Unidos, no Departamento de História da Consciência da Universidade de Santa Cruz, na Califórnia.

³ Margarita Valencia Triana, conhecida como Sayak Valencia é poeta, filósofa, teórica feminista, ensaísta mexicana e artista performática. Doutora em Filosofia, Teoria e Crítica Feminista na Universidade Complutense de Madrid.

Contudo, de acordo com a autora chicana, existe uma questão fundamental a ser destacada quando refletimos a etimologia das palavras, o fato de que em suas formulações iniciais, nas origens dos dialetos e das linguagens escritas, os diferentes idiomas se aparentam. Neste sentido, de acordo com a autora, as linguagens de raiz indo-europeia possuem ascendências etimológicas muito próximas das línguas de origem latina. Essa afirmação enfatizada pela autora aponta, já de início, certa origem translocal e transcultural das linguagens, dos conceitos e, por assim, do termo *queer*. O verbo *twreh*, seria parente do termo de origem latina *torquere*, que significa propriamente girar, torcer, dar a volta. O termo em alemão, teria derivação da raiz *tark*, *o-tok*, o que é uma modificação de uma outra raiz de origem latina mais antiga: “*tar*”, que significa mover. “[...] algo como torcer-se, que nada mais é do que mover-se em giros em desvios da direção originária.” (VALENCIA, 2015, p. 20).

Como descreve a pesquisadora, nos primeiros registros do termo na língua escocesa, que datam de 1500, este buscaria fazer referência a algo que seria peculiar, estranho, excêntrico, ainda que alguns deslocamentos semânticos e temporais fariam com que este referenciasse também algo chocante ou ridículo, além de traidores, assim como, as ações de estragar ou arruinar alguma coisa. Conforme a autora, algo que chama bastante atenção é o fato de que, a partir do século XIX, o significado da palavra *queer* passou a estar relacionado também, a uma dimensão econômica, ligada a precariedade de condições tanto financeiras quanto existenciais. Citando o Oxford Dictionary, Valencia demonstra que em britânico coloquial “estar em *queer street*”, (algo como, estar na rua da amargura), significaria estar endividado, quebrado, com problemas financeiros. (VALENCIA, 2015, p. 21).

Assim, desde suas primeiras utilizações, o termo *Queer* sempre esteve ligado a alguma suspeita de ordem moral, a algo que, por algum motivo parecesse dúbio, questionável, frente a normalidade hegemônica, e que, por assim ser, deveria ser interpelado de maneira agressiva, injuriosa. Ou seja, o termo *queer* desde sempre foi um palavrão, um termo carregado de conotações de injúria, um xingamento, uma desmoralização.

Um ato discursivo utilizado para ferir, e desde sua origem, um termo utilizado para causar medo e designar um conjunto de corpos obscenos, abjetos, imprestáveis, improdutivos, e por esse motivo, indesejáveis nas sociedades patriarcais brancas, burguesas, coloniais, capitalistas.

Outro expoente das teorias Queer, o pesquisador, filósofo, escritor transfeminista Paul B. Preciado (2017), conta que na língua inglesa, desde seu aparecimento no século XVIII, o termo *queer* servia para nomear aquele ou aquilo que, por sua condição de inútil, malfeito, falso ou excêntrico, ou aquele que apresentasse alguma ou outra característica questionável, ou que considerada nociva ou desfavorável ao bom funcionamento do jogo social. Assim, eram considerados queer, os trapaceiros, os ladrões, os bêbados, vagabundos, e, as “ovelhas negras” da família, e todo aquele que por causa de alguma peculiaridade, posicionamento ou por sua estranheza, não pudesse ser imediatamente reconhecido como homem ou mulher.

Assim, de acordo com Preciado:

A palavra *queer*, não define apenas uma qualidade do objeto a que se refere, mas também, indicaria a incapacidade do sujeito que fala de encontrar uma categoria no âmbito da representação que se ajuste à complexidade do que ela pretende definir. Desde o início, *queer* é mais o traço de uma falha na representação linguística do que um simples adjetivo. O que de certa forma equivale a dizer: o que chamo de queer é um problema para o meu sistema de representação, é um distúrbio, uma estranha vibração no meu campo de visibilidade que deve ser marcada com a injúria. (PRECIADO, 2017. p.11).

De Laurentis descreve que nos romances do escritor inglês da era Vitoriana, Charles Dickens⁴, *Queer Street* era uma parte de Londres onde viviam as pessoas pobres, endividadas, vagabundas. Segundo a autora, foi somente no século XX, após o “notório julgamento” que condenou a prisão e aos trabalhos forçados por sodomia, o escritor subversivo Oscar Wilde, que a palavra queer passou a ser associada diretamente a homossexualidade como estigma (LAURENTS, 2019, p. 397).

Como descreve Amilcar Torrão Filho, Wilde era o que costumava a se chamar naquela época em Londres de “Dandy”! Nome dado aos homens que se vestiam de maneira extravagante, inventando moda.

⁴ Charles John Huffam Dickens (1812-1870) foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. Entre os seus maiores clássicos estão David Copperfield e Oliver Twist.

Fazia parte de um grupo de pessoas que se declaravam “*beautiful people*”, os ditos “espirituosos”, pessoas que se esforçavam para chocar a sociedade de seu tempo (TORRÃO, 2000, p. 176).

Sobre o caso judicial de Wilde, o Professor Dr. Rodrigo Borba⁵ descreve que um marquês chamado John Douglas estava indignado com a suposta relação sexual entre seu filho Alfred e o escritor. Deste modo, Douglas teria utilizado o termo queer em um processo judicial que transformou o autor em um pária e terminou por levá-lo a prisão. Segundo Borba, “Wilde, por seus desejos abjetos, fazia parte de uma fatia da população que Douglas chamava em seus escritos de “snob queers”” (BORBA, 2019, p. 10).

Alfred Douglas, grande amor da vida de Wilde, era filho de Jonh, o marquês de Queenbery, fato que tornava o romance ruidoso entre a sociedade Vitoriana. Além disso, Wilde era casado com Constance Lyotar, com quem tinha dois filhos, e não fazia a menor questão de esconder suas preferências sexuais, que incluíam também belos homens. De acordo com Torrão, em 1985, o marquês processou o autor por sodomia. No tribunal, os próprios livros do autor foram utilizados para incriminá-lo, como provas de sua pederastia. Nesta ocasião, a sociedade moralista aproveitou a oportunidade para se vingar dos exageros do escritor. Wilde foi preso e condenado e seu processo desencadeou uma histeria e ondas de perseguições a homossexuais, levando muitos deles e emigrarem para o continente (TORRÃO, 2000, p. 177).

Assim, o fator crucial para que o termo queer fosse popularizado como uma forma de insulto homofóbico no mundo anglo-saxão foi a imensa repercussão desse caso nos jornais, dada a notoriedade do escritor de “O Retrato de Dorian Gray”⁶, obra que serviria inclusive para incriminar Wilde no processo em questão. Essa divulgação massiva do caso e do termo a ele relacionado, teria transformado a palavra queer em um insulto homofóbico e historicamente consolidado. Deste modo, o termo que já carregaria em si, uma carga injuriosa, com rastros de violência verbal, destinado a atacar pessoas marginais, periféricas, vagabundas.

⁵ Professor adjunto do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro onde também atua como professor no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA). Faz parte do Núcleo de Estudos em Discursos e Sociedades.

⁶ Segundo Amílcar Torrão Filho, “O Retrato de Dorian Gray” (1890) foi acusado de expor uma ambígua personalidade homossexual na figura de seu protagonista; este livro viria a ser um dos maiores ícones da cultura homossexual deste século (TORRÃO, 2000, p. 176).

O discurso de ódio, passou a ser utilizado para agredir, ferir e para condicionar a pessoa para quem o termo está sendo proferido, uma pessoa cuja sexualidade e a identidade não segue a norma binária de gênero, a uma posição considerada por esse motivo abjeta, diminuída, pecaminosa, imoral e obscena.

Assim, na década de 1970, a palavra queer ainda funcionava como uma injúria, cuja função era a de colocar os sujeitos que questionam as hierarquias produzidas pela heterossexualidade, em uma posição de subordinação. Ou seja, queer denotaria um xingamento, mas agora utilizado com certa exclusividade para insultar bichas, sapatões, pessoas, transgêneras. Porém, nessas alturas, nas décadas de 70 e 80, o termo passaria por uma repetição desconstrutiva, um giro, uma torção, uma reviravolta que promoveria a ressignificação deste insulto, ao status de uma palavra de afirmação da diferença sexual.

Desta maneira, o termo passou a ser utilizado para promover a contestação de uma série de classificações, normatizações e subordinações sociais. A palavra, com conotações de arma verbal, destinada a ferir, a afetar negativamente as pessoas que não se enquadravam nas normas do gênero, passaria a ser utilizada na *diferença desconstrutiva* de um sentido afirmativo. O termo, antes utilizado como um insulto, foi desapropriado de seu sentido ofensivo, e reiterado numa repetição performática que o transtornaria, em um conceito/aparato discursivo de guerrilha linguística.

Queer em trânsito e transições...

Palavra em...de um movimento político, ativista, afirmativo das "minorias" sexuais e de suas contestações.

Segundo a professora Dr^a Guacira Lopes Louro, expoente dos estudos feministas e de gênero e precursora das teorias Queer no Brasil, durante os anos 70, nos Estados Unidos, as questões que delineavam os contornos das políticas de identidade tendiam a assumir características unificadoras e “assimilacionistas”. Os movimentos gays e lésbicos lutavam por direitos que exigiam, de certo modo, a integração destes sujeitos na sociedade civil de matriz heterossexual (LOURO, 2001, p.544).

Isso quer dizer, que os grupos, na luta por afirmação de direitos igualitários, acabavam buscando por espaços sociais que impetravam certa assimilação, aceitação e integração dos/das homossexuais no sistema político e social heteronormativo. Neste sentido, a agenda política, destes grupos estava empenhada segundo o professor Dr. Anselmo Alós⁷, na luta por direitos como:

“[...] o casamento, à adoção, o ingresso nas forças armadas, o reconhecimento do *status* de família a partir de arranjos familiares calcados em modelos heterossexuais (monogamia, casais ‘estáveis e exclusivos’, direitos de propriedade e de transmissão de herança)”.
(ALÓS, 2020, p, 06)

Além disso, de acordo com Louro, os movimentos gays e lésbicos já haviam conquistado uma maior visibilidade na década anterior, assim, esses movimentos de libertação sexual já não perturbavam tanto o status quo, como já haviam feito antes. Por isso, muitas tensões, críticas e rupturas internas começaram a acontecer, dentro dos movimentos de luta. Segundo a professora, os grupos negros, latinos e de jovens começaram a contestar as campanhas políticas de assimilação da diferença sexual, pois estas estavam marcadas por valores brancos e de classe média (LOURO, 2001, p. 544).

Segundo Borba (2019), isso se deu pois os movimentos pregavam a necessidade de assimilação da homossexualidade na cultura heterossexual sem, contudo, desafiarem as estruturas mais profundas de poder que relegavam certos sujeitos às margens da sociedade, da política e do direito, tais como, raça, classe, etnia.

Louro enfatiza que o movimento privilegiava novamente o ideal masculino e branco evidente na sociedade como um todo, o que fazia com que as reivindicações e experiências das pessoas que não se enquadravam nesses padrões continuassem secundárias, já que, essas políticas, que privilegiavam homens gays brancos, continuavam a ser excludentes e a submeterem a condições marginalizadas e precárias de vida, pessoas cuja a expressão do afeto e da sexualidade não se enquadravam nos moldes de vida normativos dessas bichas e sapatas brancas. Formas de vida como a dos bissexuais e transsexuais, por exemplo.

⁷ Anselmo Peres Alós é Doutorado em Letras. Professor Associado I na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na cidade de Santa Maria/RS.

A professora destaca que, mais do que diferentes prioridades políticas, esses “sub-grupos” variados, através de seus debates e contestações, pretendiam pôr em xeque essa concepção de identidade homossexual unificada nas condutas do “bom homossexual”. Representação normatizada, higienizada que vinha se constituindo como base para as políticas de identidade que estavam sendo implementadas e conquistadas neste momento histórico. “Neste período, a comunidade gay passou a apresentar importantes fraturas internas e, de acordo com a professora, seria cada vez mais difícil silenciar essas vozes discordantes.” (LOURO, 2001, p.545)

De acordo com o professor com Alós, frente a essa questão, os movimentos queer passaram a contestar modos de vida antiassimilacionistas:

Estes não buscavam direito ao casamento, pois questionavam a monogamia e o casamento como contratos heteronormativos, não queriam o direito de ingresso nas forças armadas, pois são antimilitaristas; questionam a família nuclear como modo de organização social, e pensam em outros arranjos (‘poliamor’, comunidades, confrarias e ‘fraternidades’) e não desejam ser reconhecidos pelo Estado, pois sabem que ser reconhecido pelo Estado faz parte dos interesses ‘biopolíticos’ [...] uma das modalidades de poder que o Estado articulada para administrar, dominar e controlar as populações humanas de acordo com seus próprios interesses (ALÓS, 2020 p.06)

Assim, esses movimentos passaram a afirmar a NÃO assimilação, através da afirmação deste PALVRÃO: QUERR, expressão que passou a ser utilizada no sentido afirmativo, de gritar para o mundo que existem corpos que não querem ser assimilados, que existem pessoas que vivem formas de vida de tal modo aberrantes, subversivas, insurgentes, frente a normatividade ordinária do mundo, que sua assimilação em meio a toda essa normatividade social seria essencialmente impossível. Para essas pessoas abjetas, obscenas, a luta não tratava da busca pela participação na normalidade.

Esses corpos travestidos, racializados, essas bichas pretas, pocs, latinas afeminadas, sapatões caminhoneiras masculinizadas, não tinham a menor condição de ocultarem seus estigmas⁸. Sequer faziam questão de serem assimiladas, e nem mesmo desejavam ser normais.

⁸ Todas as reflexões desenvolvidas neste artigo, são orientadas por inúmeras oficinas, vídeos presentes na internet, e por uma curadoria de textos generosamente concedida por **Helena Vieira**, escritora, dramaturga, transfeminista, ativista LGBTQ+, produtora e agitadora cultural.

Por isso, essa “multidão de anormais”, passou a agir, a se movimentar no sentido de transgredir certas normas fundamentais e políticas estatais, que tenderam a não considerar, excluir e abjetificar determinadas existências, aparências e outros modos de sexo, afeto e vida.

Sayak Valência descreve que o movimento queer, como agenciamento popular, passou a reivindicar um modelo de política interseccional que rechaçasse os modelos de identidades monolíticas, binárias, dicotômicas, tais como homem/mulher, branco/não branco, heterossexual/não heterossexual. Os manifestantes passaram a se recusarem a afirmarem-se como mulheres, gays, lésbicas, para se afirmarem como sujeitos queer, assim: os diferentes, os estranhos, excêntricos. Portanto, a partir das décadas de 70 e 80, queer passou a sentenciar uma inclusão afirmativa das minorias sexodivergentes, abjetificadas, racializadas e precarizadas. De acordo com a autora, o surgimento dos movimentos queer, ou das “multitudes queer”⁹, teriam se originado nesses movimentos sociais de contracultura, que emergiram nas décadas de 60 e 70, com o intuito de contestarem uma combinação de valores políticos, morais e sociais que nasceram junto ao “reaganismo”¹⁰ (VALENCIA, 2015, p.21)

Segundo a pesquisadora, as medidas do presidente Reagan giravam em torno do aumento de impostos, do cerceamento dos direitos políticos dos cidadãos e do aniquilamento políticas públicas que atendiam as camadas mais precarizadas da população. Estes cortes nos gastos públicos, atingiram direta e severamente as populações pobres, racializadas, não heteronormativas e implicariam, entre outras consequências, na estigmatização dos portadores do HIV e das pessoas pertencentes aos chamados “grupos de risco”, a exemplo dos homossexuais, prostitutas e usuários de drogas que necessitavam de tratamento médico.

Muitos cursos, palestras, trabalhos de Helena podem ser encontrados em:
<https://linktr.ee/helenavieira>

⁹ E a forma como o termo vem sendo utilizado por autores latinos, no sentido de abordarem os [...] “corpos que se articulam como minoritários dentro de lógicas heteropatriarcais, classistas e racistas”. (VALENCIA, 2015, p.21).

¹⁰ Período que os Estados Unidos estavam sendo governado pela “reaganomia” (“Regan + Economia”); termo que, conforme a autora, denota uma série de estratégias ultraliberaes, impulsionadas por esse modelo político implementado nas décadas de 80 pelo presidente Ronald Reagan.

Como podemos perceber, estava ocorrendo, na década de 80, nos Estados Unidos, uma ressaca conservadora pós movimentos de revolução sexual, surfados nas pranchas da ‘segunda onda’ do feminismo das décadas anteriores.

Este retrocesso, causou um deslocamento no debate público do campo macropolítico para um âmbito de debate moral, ligado as pautas identitárias. Fato que provocou o acirramento dos embates políticos, a polarização no debate público, tensões e cisões nos movimentos de minorias sexuais e, entre estes e os movimentos conservadores.

De acordo com Louro, no início dos anos 80, o surgimento da Aids agregaria novos elementos a este quadro de disputas que já vinham ocorrendo entre os movimentos. Apresentada, inicialmente a sociedade, como “o câncer gay”, a doença teria renovado de maneira imediata a homofobia latente da sociedade da época. Além disso, teria intensificado ainda mais o estigma e a discriminação já direcionadas a estas minorias ao longo da história. Como descreve a pesquisadora:

“Neste período a intolerância, o desprezo e a exclusão, aparentemente abrandados pela ação da militância homossexual, passaram a tornarem-se mais uma vez intensos e exacerbados. Por outro lado, e simultaneamente, a doença também teria, um impacto que alguns denominaram “positivo”, nas lutas sociais. Isso porque, o vírus aproximaria diferentes pessoas e pautas, devido a criação de redes de solidariedade. Assim, passaram a existir alianças não necessariamente baseadas na identidade, mas sim num sentimento de afinidade que une tanto os sujeitos atingidos (muitos, certamente, não-homossexuais) quanto seus familiares, amigos, trabalhadores e trabalhadoras da área da saúde etc. (LOURO, 2001. p, 545).

Como descreve Valência, as decorrências de implementação do projeto conservador-neoliberal de Reagan, (que hoje conhecemos como Globalização), deram o estopim para a mobilização de populações aparentemente dispares, que se uniram em luta para protestarem durante a década de 1980. (VALENCIA 2014, p.21)

Segundo Borba, esse projeto de ação política, que surgiu da união destas pautas, passou a ser materializado, no modo de palavras de ordem como:[...] we’re queer, we’re here, get fucking used to it! “somos bichas, estamos aqui, e vocês vão ter que nos engolir!” (tradução do autor) entoadas por ativistas nas ruas de Nova York. (BORBA, 2019, p.11.)

O pesquisador Cleber Braga, afirma que termo queer foi ressignificado com intuito de fortalecer a expressão dessas dissidências. Isso ocorreu, a partir da apropriação e da reconfiguração das estratégias de ativismo, que já haviam sido utilizadas nas décadas anteriores. Neste momento o termo buscava acentuar também, a Interseccionalidade e a desessencialização identitária, em um movimento gay que era composto de forma heterogênea, mas que não era representado desta maneira. (BRAGA,2020, p. 17).

Um exemplo disso, é o fato de que segundo Jessy, Gan, no dia do Motin contra os polícias no bar Village, em Stonewal ano de 1969, os gritos da multidão eram de “Gay Pauer”! ("Poder gay!") e “We are the pink panthers “! "Nós somos as panteras rosa!". Referência que aludia diretamente as lutas do movimento ativista por direitos das populações afroamericanas, os Panteras Negras. (GAN, 2007, p. 132).

Brados que ratificam nossa intenção inicial de demonstrar as relações intrinsicas e interseccionais inerentes aos movimentos queer, com as lutas travadas pelos povos negros, latinos, e homossexuais, mas também os bissexuais, as transexuais, que também estavam presentes no fronte, das “guerras culturais”, que movimentaram os estados unidos e todo o mundo no final da década de 1960 inicio da década de 1970.

Este é outro ponto importante a ser destacado, em relação a transculturalidade e translocalidade inerente à palavra, aos movimentos e as pessoas que se autoproclamaram de maneira performática como “Queer”! O fato de que, desde os seus primórdios, estas lutas foram lideradas por ativistas que, para além das questões ligadas as lutas por direitos sexuais, lutavam também por questões interseccionais, relacionadas a seus múltiplos marcadores sociais, como raça, etnia, classe.

No artigo nomeado “Ainda na parte detrás do Ônibus”¹¹ Jessy Gan faz uma crítica aos movimentos e aos estudos gays e lésbicos que historicamente omitiram o papel central das pessoas pobres, precarizadas, das pessoas trans, de raça e de cor, no motim de Stonewall e nos atos de resistência que passaram a ocorrer na cidade de Nova York a partir do final dos anos 1960.

¹¹ Gan, Jessi. "Still at the back of the bus": Sylvia Rivera's struggle Centro Journal, vol. XIX, núm. 1, 2007, pp. 124-139 The City University of New York New York, Estados Unidos.

De acordo com a autora, ainda que a iconografia de Stonewall tenha permitido que gays e lésbicas brancas de classe média pudessem se retratar como resistentes e transgressivos, as narrativas de Stonewall sempre retraram os agentes dos motins como "gays". Fato, que teria reduzido e suprimido a importância de mulheres trans, e Drags Queens negras, latinas, chicanas, bichas panamenhas, mulheres e lésbicas racializadas neste marco inaugural das lutas por direitos das minorias sexuais.

Neste sentido, a autora enfatiza a necessidade de resgatarmos e exaltarmos a memória excluída, acerca de importantes ativistas do movimento gay norte-americano, tais como travesti latina Sylvia Rivera. Segundo a escritora, Rivera até teria sido retratada por muitos pesquisadores das questões ligadas ao gênero e a luta política, mas, sempre à luz de uma clara omissão da interseccionalidade de sua posição. A autora chama a atenção para a importância da ativista pra Stonewall e enfatiza que o papel de Rivera nos distúrbios deve se tornar amplamente conhecido. Além disso, enfatiza que sua imagem de insurgência e suas realizações políticas devem ocupar um lugar central na iconografia da consciência gay.

Para Gan, é de extrema importância a inclusão de Rivera na história de vida de surgimento da luta "Queer", que foi amplamente divulgada como se fosse apenas gay e branca, pois esta ação afirmaria a diversidade multicultural (que eu diria transcultural) e a verdade histórica (que afirmaria TRANSistórica) destas lutas, que tiveram a fundamental coalizão de jovens que carregavam marcas raciais e de classe. Fato que difere do modo como o termo queer e as lutas que busca representar vêm sendo muitas vezes retratado, localizado e classificado até aqui, como um conceito proveniente apenas de lutas burguesas e de ambientes universitários acadêmicos de classe média.

Sylvia Rivera foi uma importante ativista, participou da Revolta de Stonewall ao lado de outra figura icônica nas lutas queer, a ativista Marshal P. Jonson, uma mulher trans negra que se tornou uma personalidade fundamental e catalizadora dos primeiros anos das lutas dos LGBTs por direitos nos Estados Unidos. Rivera, também foi membro do grupo STAR (*Street Transvestite Action Revolutionaries*)¹².

¹² Um exemplo da importância de Sylvia Rivera, foi o discurso que a ativista proferiu na parada do orgulho "gay" de 1973, em Nova York. Silvia é a própria expressão materializada do que seria o "Queer". <https://www.youtube.com/watch?v=T2CU7IAGduw>. Disponível em 30/04 das 2021 às 16:20 pm.

Porém, apesar de seu ativismo, de seus escritos e influência dentro do movimento “gay e lésbico”, permaneceu uma figura desconhecida nos debates e nas lutas gays do Sul Global. De acordo com Gan, Rivera foi uma verdadeira revolucionária da justiça social, uma pessoa insurgente, uma figura cuja vida, ideias, ações e palavras abarcavam uma essência necessariamente interseccional.

Além disso, a autora nos alerta para o fato de que os alicerces da rebelião de Stonewall estariam refletidos muito mais em questões raciais e de classe, e questões enfrentadas pela juventude queer sem abrigo, moradora das ruas. Do que nas visões tradicionalmente abraçadas por gays e lésbicas brancas de classe média, que, como vimos, eram, em sua maioria, compostas por premissas e condutas assimilacionistas (GUN, 2007, p.135).

Como enfatiza a pesquisadora, Rivera era pobre e latina, filha de um Panamenho e neta de uma Venezuelana. E apesar de ser louvada, de se tornar visível, como a trans que participou do manifesto em Stonewall, sua visibilidade racial e de classe foram simultaneamente ocultadas ao longo da história contada do movimento gay, que como podemos conferir, tende a ser branco e capitalista, e a não considerar a alteridade racializada e de classe de uma das suas principais manifestantes. Assim, segundo Gan a inclusão da história de vida de Rivera na perspectiva Queer, tem por objetivo afirmar a diversidade transcultural e translocal que delinea os contornos dessas lutas, que eclodiram neste momento celebrado como um marco histórico na batalha por direitos sexuais. (GUN, 2007, p. 136).

Por isso, devemos finalmente celebrar Sylvia Rivera, esta personagem profundamente importante na construção de uma historiografia das lutas de gênero, Queer! Que foram, como vimos, desde seus primórdios, lutas latinas, pretas, transgênero, TRANSistóricas, no sentido de remeterem em suas origens a uma anti-história de pessoas “não-brancas”, não binárias e que não foram representadas, junto a outra multidão mestiça de pessoas abjetas, improdutivas, imorais e, sobretudo, insurgentes, que sobrevivem e resistem nas periferias e nos entre lugares, dos becos, dos guetos, das ruas da amargura do Sul Global, de um mundo que se moldou e se estabelece perene, como um mundo capitalista colonial, neoliberal. Que ainda cerceia e interpela, tudo o que não considera como normal, moral e natural.

Segundo Borba, o barulho das Multidões Queer, foi tão grande que as vozes das ruas atravessaram os muros das universidades. Assim, pensadores de diversas áreas do conhecimento, percebendo a força de contestação epistemológica e política desse movimento, evocado através da afirmativa desconfortante desta palavra, trouxeram a insurgência queer para a academia. “E se, em outro tempo, queer não passava de um xingamento, sua reapropriação por ativistas e pesquisadores, possibilitou o alargamento do seu campo semântico” (BORBA, 2019, p.11).

Deste modo, depois das décadas conturbadas de 70 e 80, o termo transita das ruas e transpõe os muros da academia, se transformando em um marco teórico e epistemológico que hoje conhecemos como teoria Queer. Abordagens que foram internacionalizadas por autoras como Judith Butler, Judith/Jack Halberstam, Eve Sedgwick e, mais tarde, difundido por autores como Paul Preciado e a brasileira Guacira Lopes Louro.

Referências Bibliográficas:

- ALÓS, Anselmo Peres. *Traduzir o queer: uma opção viável?* Rev. Estud. Fem. vol.28 no.2 Florianópolis 2020 Epub Aug 31, 2020.
- BORBA, Rodrigo. *Conhecendo a Linguística Queer*: Entrevista com Rodrigo Borba. Revista X, Curitiba, v. 14, n. 4. 8-19, 2019.
- GAN, Jessi "Still at the back of the bus": Sylvia Rivera's struggle Centro Journal, vol. XIX, núm. 1, 2007, pp. 124-139 The City University of New York New York, Estados Unidos.
- LAURETIS, Teresa de. *Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org), *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- OLIVEIRA, Cleber Rodrigo Braga de. *Fantasmagoria: Sexílio, Arte e Ativismos Cuirdecoloniais na Tranfronteira Mexicobrasileira*. Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2019.
- PRECIADO, Paul. B. *História de Una Palabra: Queer*. Pixel Editora. Argentina. 2017.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. *Tribades Galantes Fanchosos Militantes. Homossexuais que fizeram História*. São Paulo. Summus. 2000.
- VALENCIA, Sayak. *Del queer al cuir: ostranénie geopolítica y epistémica desde el sur global*. In: LANUZA, Fernando R; CARRASCO, Raúl M. (Org.). *Queer & Cuir: políticas de lo irreal*. Cidade do México: Fontamara, 2015.